

Apresentação

Carlos Henrique Lopes de ALMEIDA
Universidade Federal da Integração Latino-americana
(UNILA/PPGL-UFGA)

Alejandra Francisca Bottinelli WOLLETER
Universidad de Chile

A história do continente latino-americano e seus estados nacionais são marcados por acontecimentos nos mais diversos âmbitos que obrigam uma ressignificação intensa e rápida a partir do movimento pendular do tempo e da memória, todo esse esforço impulsiona uma constante busca da compreensão e formação identitária. O (des)cobrimento, a invenção de todas estas Américas, fronteiras, ditaduras, guerras civis e a grande diversidade de culturas, são os principais ingredientes desse enorme mosaico.

Tendo como base esse cenário, surge a proposta do dossiê temático do número 56 da Revista MOARA, intitulado Literatura, história e memória na América Latina, com vistas a integrar pesquisas e expressões artísticas que reflitam sobre as subjetividades latino-americanas.

Ao final do processo de avaliação, decidimos por dividir o dossiê em Volume I, que agora entregamos ao público e Volume II, que será publicado no primeiro semestre de 2021. Neste primeiro volume, selecionamos dez artigos, uma entrevista, um ensaio, junto a um conjunto de poesias e contos, um cenário artístico intenso e representativo da diversidade do continente latino-americano.

O primeiro artigo do dossiê, “A aprendizagem da finitude em dois poemas de Manuel Bandeira”, escrito por Elzio Quaresma Ferreira Filho e Antônio Máximo Ferraz, apresenta a leitura dos poemas “Visita” e “Lua nova” do poeta Manuel Bandeira, a partir das considerações do filósofo Hans-Georg Gadamer e lidos por um olhar que privilegiará a escuta entorno de uma aprendizagem da finitude. Cabe ressaltar a forma como os autores conduziram a reflexão cuja dinâmica leva ao leitor uma percepção serena e natural de um tema que sempre incomodou a humanidade.

O segundo artigo, de Gilcilene Dias da Costa e Fabíola de Fátima Igreja, intitulado “A Gruta-escritura de Lispector e Tournier: fabulações de uma educação múltipla”, elabora um estudo comparativo entre as obras *Água Viva*, de Clarice Lispector, e *Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, com vistas a produzir alguns sentidos e questionamentos sobre o modo de educar e sobre a palavra literária como espaço e ferramenta de criação, invenção, vivência e aprendizado.

Na sequência, Maiara Schwertner de Mattos Zadinello, Odair José Silva dos Santos e Mariana Francis, no artigo “Análise do vocábulo ‘mujer’ em *Mujeres de ojos grandes*, de Ángeles Mastretta”, apresentam uma reflexão metateórica na interface entre a Lexicografia, a Linguística Cognitiva e os Estudos Literários, por meio da análise da construção de sentido do lexema “mujer” nos contos da escritora e jornalista mexicana. A partir dessa análise, o ensaio percorre ainda a elaboração do feminino dentro da obra na conquista de uma liberdade e autonomia consolidadas com o *boom* de romancistas hispânicas que transformou o mercado editorial das últimas décadas do século XX.

O próximo artigo, “Da produção à recepção: histórias de leitura de Contos Fluminenses, de Machado de Assis”, de Valdiney Valente Castro, analisa a história das duas edições da antologia *Contos Fluminenses*, de Machado de Assis, a partir da publicação dos contos no *Jornal das Famílias*, de Baptiste Louis Garnier, de ampla circulação, passando pelas alterações que os textos sofreram ao longo de suas publicações e as razões para tais modificações. O artigo percorre, ainda, as distintas recepções divulgadas em jornais da época, abordando os comentários de José Veríssimo, França Júnior, Medeiros e Albuquerque, e discutindo como a engrenagem formada por autores, editores e leitores no século XIX influenciou a recepção do texto literário e sua manutenção na memória de um povo.

O quinto artigo, de Regina Simon da Silva, intitulado “El Jornal das Senhoras: un proyecto periodístico femenino para la emancipación de las mujeres brasileñas”, reflete sobre o diálogo estabelecido entre *El Jornal das Senhoras*, fundado em 1852 pela argentina Juana Paula Manso, exilada no Uruguai e Brasil, e considerado o primeiro periódico feminista brasileiro, e as leitoras brasileiras, com vistas a identificar elementos que fomentem sua ilustração e emancipação. O artigo discute como Manso buscou superar a condição de submissão feminina em uma sociedade

patriarcal ao tratar de tais questões no periódico, usando-o como ferramenta de diálogo, instrução e poder na ascensão cultural, social e profissional da mulher.

A esse conjunto de artigos vem somar-se “Memórias de uma judia sefardita: reminiscências poéticas na Amazônia”, de autoria de Alessandra Conde. Nesse texto, a autora deslinda as reminiscências poéticas, recriadas ou reinterpretadas na obra *Sarandalhas*, a partir do cadinho das imagens da infância da escritora amazonense Mady Benoliel Benzecry. Em sua poesia memorialística, ao abordar temas como a imigração de judeus sefarditas em terras amazônicas, a autora põe em contato o fantasma da guerra e da perseguição com o universo indígena, caboclo e ribeirinho do norte brasileiro.

O sétimo artigo, “Memórias em trânsito - as ditaduras brasileira e argentina em três romances brasileiros contemporâneos”, de Cristiane Checchia, volta-se para os desdobramentos de nossos processos bloqueados de memória envolvendo o período ditatorial e como tais bloqueios podem ser enfrentados por uma memória em trânsito, mobilizada literariamente na conexão das histórias recentes do Brasil e da Argentina, em seu movimento de redemocratização, a partir da leitura de três romances brasileiros: *Pessoas que passam pelos sonhos*, de Cadão Volpato (2013), *A resistência*, de Julián Fuks (2015) e *Mar azul*, de Paloma Vidal (2012). Desestabilizando as fronteiras que separam o estético, o político e o econômico, a autora reflete sobre o deslocamento do fenômeno literário rumo a uma imaginação coletiva e pública, adotando uma perspectiva pós-autônoma para pensar o sentido de democracia dentro de um passado histórico de violência e autoritarismo.

Em “Mulheres e resistência em *O país sob minha pele*, de Gioconda Belli”, de Joelma de Araújo Silva Resende, Raimunda Maria dos Santos e Sebastião Alves Teixeira Lopes, entram em cena a escritora nicaraguense Gioconda Belli e seu romance de 2002. O artigo faz uma leitura analítica sobre a relação entre mulher e nação, e sobre a participação das mulheres nos movimentos revolucionários engendrados pelo enfrentamento do regime ditatorial na Nicarágua, sua tentativa de participação de um espaço na vida social e a conquista do que consideram mais justo para seu país, tornando-se, assim, agente de transformação social e da construção nacional.

No nono artigo, “No útero fecundo da palavra”: tramas da memória em Florentina Esteves”, Gerson Rodrigues Albuquerque apresenta um paralelo entre a

escrita da história oficial da cidade de Rio Branco, na Amazônia acreana, e a escrita memorialística da autora Florentina Esteves, pontuando suas proximidades no universo do discurso amazonialista e seus distanciamentos na forma de tratar questões centrais relacionadas às origens da cidade e ao ordenamento dos corpos de determinadas mulheres e homens no âmbito de narrativas históricas, ficcionais e memorialísticas. Abrindo uma fratura na história de dominação imposta pela colonização, põe em circulação o confronto entre os corpos autônomos e futurizados e os corpos domesticados e abandonáveis que habitam a cidade, no cenário ficcional erguido pelos textos de *Enredos da memória* (1990).

Em “O Averso da História: Relato de Viagem em Galvez, Imperador do Acre”, décimo artigo, Jeniffer Yara Jesus da Silva analisa a narrativa irônica e pitoresca de Márcio de Souza, destacando a subversão dos paradigmas de relatos de viagem, e apresentando um novo olhar sobre o povo e a região amazônica que circulam no imaginário popular e erudito. Sua visão possibilita a identificação, por meio de uma leitura crítica, de uma outra Amazônia, fora do olhar estrangeiro, e questionadora de sua própria identidade.

Por fim, gostaríamos de agradecer em especial à fotógrafa mexicana Graciela Iturbide, pela gentileza em nos ceder o uso da fotografia pertencente à série “Los que vivem em la arena”, tirada no Desierto de Sonora, em 1979, e que muito representa, em imagens, a literatura, a história e a memória na América Latina.

Deixamos o convite à leitura reflexiva do dossiê 56 da revista Moara!